

GEODIVERSIDADE, GEOGRAFICIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA: UM TRABALHO DE CAMPO NA CIDADE DE GOIÁS / GO

Januzia Florência Batista Mulari

Mestranda em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO

Romualdo Povroznik Junior

Doutorando em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres / MT.

Sebastião de Souza Oliveira

Docente da Secretaria Municipal da Educação de Palmas, Palmas / TO

Vandervilson Alves Carneiro

Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO - UEG), *Campus* Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO

RESUMO: Este artigo analisa as relações entre sociedade e natureza usando o conceito de geofricidade, focando na Cidade de Goiás. Baseado em pesquisa bibliográfica e trabalho de campo feito em junho de 2023, o estudo observou áreas do centro histórico, como a ponte do rio Vermelho, a Casa de Cora Coralina e arredores ao longo do lado esquerdo da avenida Sebastião Fleury Curado. O objetivo é entender como a geodiversidade forma a paisagem urbana e se torna geopatrimônio, revelando narrativas identitárias e históricas. Os resultados indicam que a geodiversidade local não apenas estrutura a paisagem urbana, mas sustenta narrativas identitárias, históricas e simbólicas, qualificando a Cidade de Goiás como um território de elevado valor geopatrimonial.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Geodiversidade; Geopatrimônio; Ensino de Geografia; Cidade de Goiás.

GEODIVERSITY, GEOGRAPHICALITY AND GEOGRAPHY TEACHING: A FIELD STUDY IN THE CITY OF GOIÁS / GO

ABSTRACT: This article analyzes the relationships between society and nature using the concept of geographicness, focusing on the City of Goiás. Based on bibliographic research and fieldwork conducted in June 2023, the study observed areas of the historical center, such as the bridge over the Vermelho river, the Cora Coralina House, and surrounding areas along the left side of Sebastião Fleury Curado avenue. The objective is to understand how geodiversity shapes the urban landscape and becomes geoheritage, revealing identity and historical narratives. The results indicate that local geodiversity not only structures the urban landscape but also sustains identity, historical, and symbolic narratives, qualifying the City of Goiás as a territory of high geoheritage value.

Keywords: Fieldwork; Geodiversity; Geoheritage; Geography Education; City of Goiás.

1. INTRODUÇÃO

A Cidade de Goiás, antiga Vila Boa de Goiás, constitui-se como um dos mais expressivos núcleos urbanos históricos do interior brasileiro, reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade (Gracelli Junior; Carneiro; Santos, 2025). Para compreender sua organização espacial contemporânea, torna-se metodologicamente necessário recuar ao seu passado histórico, identificando as formas herdadas que ainda hoje orientam seu funcionamento territorial (figura 1).

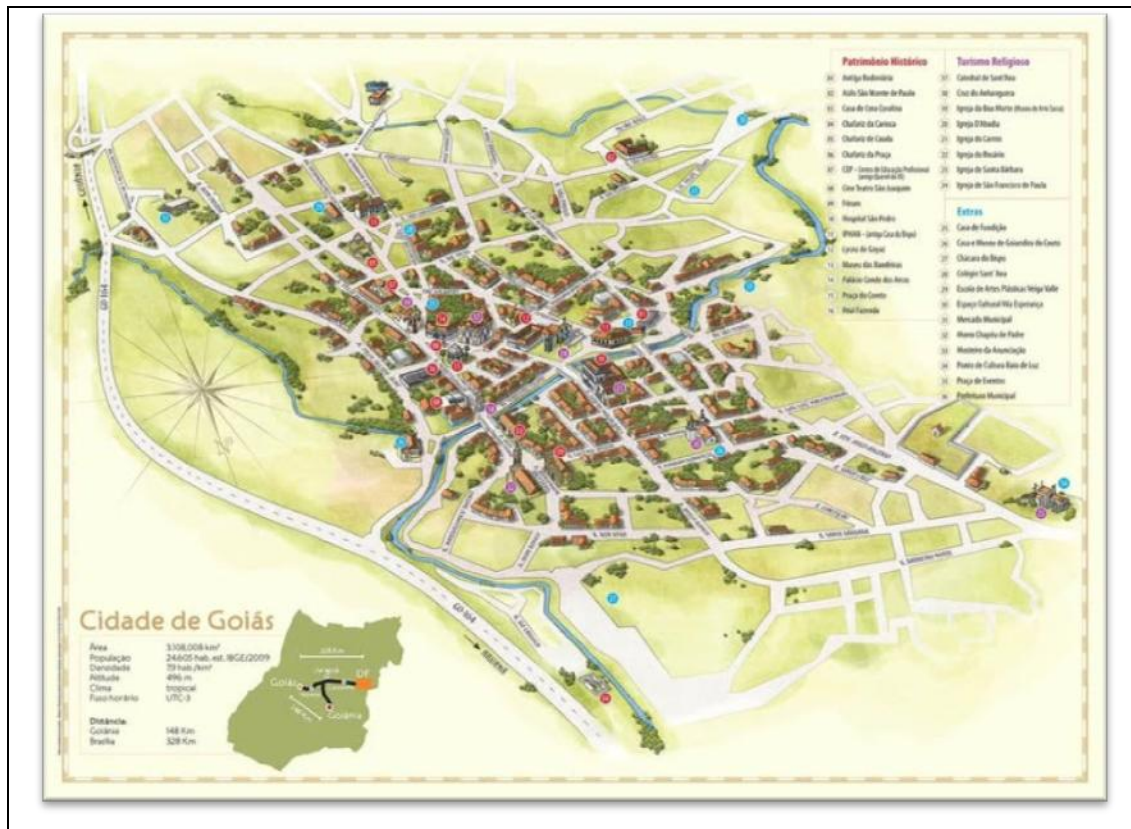


Figura 1. Croqui do espraiamento da Cidade de Goiás / GO.

Fonte: <https://www.facebook.com/100064876593339/posts/um-mapa-muito-bonitoeste-%C3%A9-um-mapa-desenhado-pelo-ilustrador-e-publicit%C3%A1rio-pedr/1817723041659309/>, 4 de novembro de 2018.

A leitura da paisagem¹ (Monbeig, 1954; Salgueiro, 2001) vilaboense² revela uma dialética particular entre o tempo rápido da modernidade e a permanência das formas históricas. As ruas sinuosas e empedradas, embora tensionadas pela circulação de automóveis, preservam uma lógica espacial marcada pela lentidão, compensada pelas curtas distâncias, pela estreiteza dos becos e pela proximidade entre os lugares. Esse tecido urbano encontra-se envolto por uma natureza exuberante, tanto biótica quanto abiótica, que reforça a sensação de calma e imprime singularidade ao cotidiano da cidade.

¹ Entende-se aqui que a paisagem não pode ser analisada de forma fragmentada, e sim, de forma integrativa e contínua.

² Vilaboense é o gentílico, ou seja, o adjetivo pátrio utilizado para se referir a quem nasce ou vive na Cidade de Goiás (antiga Vila Boa de Goiás), no estado de Goiás.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, estruturada a partir de um relato de experiência³ (Grollmus; Tarrés, 2015) desenvolvido durante um trabalho de campo noturno realizado em junho de 2023 (figura 3), no âmbito da disciplina Tópicos de Geodiversidade, do curso de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO.



**Figura 3. Trabalho de campo noturno na Cidade de Goiás / GO.
Fonte: Acervo dos/as mestrandos/as, junho de 2023.**

A metodologia adotada fundamentou-se na observação direta da paisagem, no registro fotográfico sistemático e na elaboração de anotações em caderno de campo, articuladas posteriormente à revisão bibliográfica e ao diálogo com referenciais teóricos da Geografia, em

³ O relato de experiência envolve o compartilhamento de conhecimento, de vivências e de aprendizados em atividades acadêmicas e/ou profissionais com aporte científico.

especial aqueles relacionados à Geodiversidade⁴, Geopatrimônio⁵, Territorialidade⁶ e Geograficidade⁷ (Dardel, 2011; Carneiro, 2022; 2024; Santos, 2008).

O trabalho de campo⁸ (Carneiro, 2009; Lacoste, 2006) foi conduzido pelos docentes responsáveis pela disciplina e estruturado a partir de paradas estratégicas no centro histórico da Cidade de Goiás, permitindo a análise integrada de elementos naturais e construídos. O percurso empírico incluiu: (a) a ponte do rio Vermelho, nas proximidades da Casa de Cora Coralina; (b) a margem esquerda do rio Vermelho ao longo da avenida Sebastião Fleury Curado; (c) as cercanias da Igreja de São Francisco de Paula.



**Figura 4. Trabalho de campo noturno ao longo do rio Vermelho na Cidade de Goiás / GO.
Fonte: Acervo dos/as mestrandos/as, junho de 2023.**

Em cada parada, foram discutidos os elementos da Geodiversidade local, considerando seus valores científicos, históricos, culturais, simbólicos, educativos e turísticos, bem como suas

⁴ A Geodiversidade é a variedade de elementos abióticos (não vivos) da natureza, incluindo rochas, minerais, fósseis, solos, relevo e água, bem como os processos geológicos que os formam e mantêm a Biodiversidade.

⁵ O Geopatrimônio envolve os elementos abióticos que compõem a Geodiversidade e que é composto por geossítios (áreas geográficas de cunho abiótico) que se destacam por valores especialmente notáveis, sejam científicos, didáticos, culturais, turísticos, etc.

⁶ Territorialidade no prisma geográfico trata-se do conjunto de práticas e estratégias utilizadas por indivíduos, grupos sociais ou o Estado para exercer controle, apropriação e domínio sobre um determinado espaço geográfico.

⁷ Geograficidade é o modo fundamental de ser do homem no mundo, expressando sua relação existencial e afetiva com a Terra; pois, vai além do estudo físico da superfície, focando na experiência vivida, no lugar, na identidade e na territorialidade de cada indivíduo ou grupo.

⁸ O trabalho de campo em Geografia é uma metodologia de ensino e pesquisa fundamental que leva alunos e pesquisadores ao espaço geográfico real para observar, coletar dados e analisar fenômenos *in loco*.

relações com os processos de ocupação humana e organização do espaço urbano (Costa; Steinke, 2013; Carneiro, 2022; 2024).

O percurso noturno foi escolhido como estratégia metodológica por potencializar a percepção sensorial da paisagem, ampliando a compreensão da dimensão simbólica e afetiva do lugar.

3. GEODIVERSIDADE, GEOPATRIMÔNIO E GEOGRAFICIDADE

A análise da Cidade de Goiás, a partir da Geodiversidade e de sua conversão em geopatrimônio (Carneiro, 2022; 2024), permite aprofundar o debate teórico acerca das relações entre natureza, sociedade e espaço, especialmente à luz do conceito de geograficidade (Dardel, 2011). Entendida como a forma pela qual os grupos humanos vivem, percebem, significam e produzem o espaço, a geograficidade constitui-se na interação entre elementos naturais, técnicas, práticas sociais e representações simbólicas (Dardel, 2011)

Nesse sentido, a Geodiversidade ultrapassa sua condição de base físico-natural (Carneiro, 2022; 2024) e passa a integrar a produção social do espaço, assumindo papel ativo na constituição das paisagens culturais (UNESCO, 1992; IPHAN, 2009)⁹. Na Cidade de Goiás, o substrato geológico - rios, rochas e o relevo - não apenas condicionou a ocupação inicial do território, mas permaneceu como elemento estruturante da organização urbana e da memória coletiva, corroborando a ideia de que a natureza é parte constitutiva da historicidade do espaço (Lourenço, 2005; Santos, 2008)¹⁰.

O diálogo com Santos (2008) permite compreender a paisagem vilaboense como expressão da articulação entre fixos e fluxos. As ruas empedradas, pontes, igrejas e casarões configuram-se como fixos herdados, que resistem ao tempo rápido da contemporaneidade e impõem limites e possibilidades às dinâmicas atuais. Ao mesmo tempo, esses fixos são continuamente atravessados por fluxos contemporâneos - turísticos, econômicos, culturais - que tendem a ressignificar suas funções, sem, contudo, eliminar seus significados históricos.

⁹ O conceito de "Paisagem Cultural" reconhece territórios como resultado da interação histórica entre fatores naturais e humanos. A proteção dessas paisagens contribui para "preservar a identidade cultural", promover o desenvolvimento sustentável e fortalecer o turismo cultural.

¹⁰ A historicidade do espaço refere-se ao espaço geográfico como um produto contínuo da ação humana e social ao longo do tempo, e não apenas um cenário inerte. Ele acumula rugosidades (marcas do passado) e transforma-se com base em relações de poder, produção e cultura, representando a "geograficidade" de cada época.

A noção de refuncionalização do espaço (Evaso, 1999)¹¹ mostra-se particularmente relevante nesse contexto. Embora as formas coloniais tenham sido concebidas para funções específicas ligadas à mineração e à vida urbana do período colonial, elas passam a desempenhar novas funções no presente, sobretudo associadas ao turismo cultural, à educação patrimonial e à valorização simbólica do lugar. Esse processo não ocorre sem tensões, uma vez que as novas funções frequentemente entram em conflito com as formas herdadas, revelando disputas entre preservação e uso contemporâneo.

A conversão da Geodiversidade em geopatrimônio, portanto, deve ser compreendida como um processo social e político, no qual determinados elementos naturais passam a ser valorizados, protegidos e narrados em função de interesses científicos, culturais e identitários (Carneiro, 2022; 2024). Conforme apontam estudos sobre patrimônio, não se trata apenas de reconhecer a materialidade da natureza, mas de compreender os sentidos que lhe são atribuídos historicamente.

No caso da Cidade de Goiás, o rio Vermelho exemplifica essa dimensão teórica ao se constituir como um elemento híbrido, simultaneamente natural e cultural (Costa; Steinke, 2013). O rio organiza o espaço urbano, estrutura práticas cotidianas e opera como referência simbólica e afetiva, compondo aquilo que pode ser denominado uma topografia sentimental e/ou cartografia afetiva (Carpe Mundi, 2025)¹², temário que envolve memórias e o imaginário urbano.

A perspectiva territorial também contribui para a compreensão da dinâmica vilaboense, ao evidenciar que o território é permanentemente desvalorizado e revalorizado em função dos usos que dele se fazem. A transferência da capital, por exemplo, produziu um processo de marginalização funcional da cidade, ao mesmo tempo em que abriu caminho para sua revalorização simbólica, patrimonial e turística. Tal movimento reafirma que o território não é uma entidade estática, mas um produto histórico em constante transformação.

Por fim, o trabalho de campo, enquanto prática pedagógica e investigativa, revela-se coerente com essa abordagem teórica ao possibilitar a apreensão integrada do espaço vivido. Ao articular observação direta, experiência sensorial e reflexão conceitual, o trabalho de campo permite compreender a geograficidade não apenas como categoria analítica, mas como

¹¹ A refuncionalização do espaço é um processo urbanístico e geográfico que consiste em atribuir uma nova função social, econômica ou cultural a um lugar, edifício ou área urbana que se tornou obsoleta, subutilizada ou degradada. Em vez de destruir estruturas antigas (como galpões industriais ou zonas portuárias), elas são reaproveitadas e ressignificadas, mantendo as marcas do passado, mas adaptando-as às necessidades contemporâneas.

¹² A topografia sentimental (frequentemente tratada como cartografia afetiva ou sentimental) é um conceito que utiliza a metáfora do mapeamento geográfico para explorar, descrever e organizar as experiências emocionais, vivências, memórias e subjetividades de um indivíduo ou grupo em relação a um espaço ou momento específico.

experiência concreta, vivenciada e interpretada. Assim, a Cidade de Goiás se afirma como um espaço privilegiado para o debate geográfico contemporâneo, no qual Geodiversidade, patrimônio e territorialidade se entrelaçam na produção de sentidos sobre o lugar.

4. OS RESULTADOS E A DISCUSSÃO

Trata-se de um relato de experiência fundamentado pela metodologia qualitativa, utilizando procedimentos de observação direta, registros fotográficos e anotações em caderno de campo durante trabalho de campo noturno ao longo do lado esquerdo da avenida Sebastião Fleury Curado, que margeia o rio Vermelho (figura 5).



a- Igreja de São Francisco de Paula; b- Mercado Municipal; c- rua de acesso à Igreja de Nossa Senhora do Rosário; d- Praça do Coreto; e- rua de acesso ao monumento da Cruz de Anhanguera.
Figura 5. Equipe em trabalho de campo nas ruas empedradas do centro histórico da Cidade de Goiás / GO.

Fonte: Acervo dos/as mestrandos/as, junho de 2023.

A primeira etapa ocorreu na ponte do rio Vermelho, nas proximidades da Casa de Cora Coralina, onde observou-se o fluxo das águas sobre o leito rochoso, evidenciando processos geomorfológicos associados à erosão fluvial, além da forte dimensão simbólica do rio, amplamente presente na literatura e na memória cultural da cidade.

Na etapa seguinte, identificaram-se afloramentos rochosos incorporados a quintais de residências, bem como vestígios de antigos cursos d'água urbanos atualmente canalizados. Essas observações revelam intervenções humanas sobre a dinâmica hidrográfica, evidenciando tensões entre processos naturais e urbanização, ao mesmo tempo em que demonstram estratégias históricas de adaptação ao meio físico.

O percurso foi finalizado na Igreja de São Francisco de Paula, edificada em 1761 sobre uma elevação rochosa. A implantação da igreja nesse sítio evidencia a relação simbólica entre fé, poder e natureza, além de destacar o uso do substrato geológico local como base material e simbólica da arquitetura colonial. As rochas integradas à estrutura da edificação conferem-lhe elevado valor geopatrimonial.

O deslocamento ao longo da margem esquerda do rio permitiu observar ruas pavimentadas com blocos de rocha, cuja origem está relacionada à exploração mineral e às técnicas construtivas coloniais. Essas rochas retiradas do Morro das Lajes e Morro do Chapéu de Padre, além de estruturarem fisicamente o espaço urbano, configuram-se como registros materiais da história do trabalho, da mineração e da ocupação territorial, representando a conversão da geodiversidade em patrimônio cultural.

Os resultados do trabalho de campo evidenciam que a Geodiversidade da Cidade de Goiás desempenha papel central na estruturação da paisagem urbana e na construção de sua identidade territorial. Observou-se que elementos como o rio Vermelho, os afloramentos rochosos, as ruas empedradas, as pontes históricas, os becos, os casarões e as igrejas constituem um sistema integrado, no qual natureza e cultura se articulam de forma indissociável.

Os resultados obtidos reforçam a compreensão de que a Cidade de Goiás apresenta uma geograficidade singular, na qual as formas espaciais herdadas resistem ao tempo rápido da contemporaneidade, operando como mediadoras entre passado e presente. As ruas empedradas, as pontes, o rio, os becos e as edificações históricas constituem formas resistentes, que continuam a orientar práticas sociais, fluxos e representações do espaço.

À luz de Santos (2008), a paisagem vilaboense expressa a interação entre fixos e fluxos, em que os objetos herdados do período colonial coexistem com novas funções e dinâmicas urbanas. Embora as funções contemporâneas frequentemente entrem em conflito com as formas históricas, observa-se um processo contínuo de refuncionalização do espaço, no qual o patrimônio natural e construído assume novos significados, especialmente vinculados ao turismo, à educação patrimonial e à produção do simbólico.

A conversão da Geodiversidade em geopatrimônio na Cidade de Goiás evidencia que o substrato natural não apenas condicionou a ocupação inicial do território, mas permanece como elemento estruturante da paisagem e da identidade local (Oliveira; Lima; Carneiro, 2025). O rio Vermelho, por exemplo, ultrapassa sua função hidrológica, configurando-se como referência cultural, histórica e afetiva, conforme apontado por Lima (2008) e Gomide (2009).

Nesse sentido, o trabalho de campo revelou-se uma estratégia metodológica fundamental para a formação geográfica, ao possibilitar a apreensão integrada dos processos naturais, históricos e culturais. A vivência direta do espaço urbano, especialmente em período noturno, ampliou a percepção sensorial e simbólica da paisagem, favorecendo uma compreensão mais complexa da relação sociedade-natureza.

A Cidade de Goiás, portanto, configura-se como um território de elevado valor geopatrimonial (Oliveira; Lima; Carneiro, 2025), no qual a Geodiversidade sustenta narrativas identitárias e históricas de alcance local, regional e nacional, reafirmando seu papel como laboratório a céu aberto para o ensino, a pesquisa e a reflexão geográfica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permitiu evidenciar que os elementos abióticos - em especial o rio Vermelho, os afloramentos rochosos, as ruas empedradas, as pontes históricas, os becos, o casario e o sítio de implantação das edificações religiosas - constituem a base estruturante da paisagem urbana e da identidade territorial vilaboense.

A Geodiversidade local não se restringe à dimensão físico-natural, mas assume valores históricos, culturais, simbólicos e educativos, configurando-se como geopatrimônio. Na Cidade de Goiás, o substrato geológico condicionou o traçado urbano, orientou práticas sociais e permanece como elemento ativo na produção da geograficidade, revelando a indissociabilidade entre natureza e sociedade.

O trabalho de campo mostrou-se uma estratégia metodológica fundamental para a compreensão dessa complexa relação, ao possibilitar a apreensão integrada dos processos naturais, das formas construídas e das narrativas históricas associadas ao espaço.

A vivência noturna da paisagem ampliou a percepção sensorial e simbólica, favorecendo uma leitura mais aprofundada das formas resistentes que atravessam diferentes tempos históricos e se refuncionalizam na contemporaneidade.

Embora o estudo esteja circunscrito a um percurso específico e a um conjunto delimitado de paradas, seus resultados reforçam o potencial da Cidade de Goiás como um verdadeiro laboratório a céu aberto para o ensino, a pesquisa e a valorização do patrimônio natural e cultural.

Nesse sentido, destaca-se a importância de ampliar investigações que articulem geodiversidade, educação patrimonial e planejamento urbano, de modo a contribuir para a preservação do geopatrimônio e para o fortalecimento da identidade territorial.

Conclui-se que a Cidade de Goiás permanece como um espaço de múltiplas camadas temporais e espaciais, no qual as formas herdadas do período colonial resistem, dialogam com o presente e suscitam novas indagações geográficas. Mais do que um legado do passado, sua paisagem constitui um campo vivo de interpretação, reafirmando a relevância da Geografia na leitura crítica e sensível do espaço vivido.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, V. A. (org.). **Geodiversidade** - cenários e caminhos no Brasil. Cidade de Goiás: Grupo de Estudos em Geodiversidade, 2024.

CARNEIRO, V. A. (org.). **Geodiversidade** - envolvências e experiências. Anápolis: SAMA, 2022.

CARNEIRO, V. A. **Concepções de trabalho de campo e ensino de Geografia nas licenciaturas do Sudeste Goiano**. 2009. 272 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CARPE MUNDI. **Cartografia afetiva**: a memória viva dos lugares que mudam de nome. 3 de setembro de 2025. Disponível em: <<https://www.carpemundi.com.br/cartografia-afetiva/>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

COSTA, E. B.; STEINKE, V. A. Cidades históricas do estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 164-195, 2013.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

EVASO, A. S. A refuncionalização do espaço. **EXPERIMENTAL - USP**, São Paulo, n. 6, p. 33-54, mar. 1999.

GOMES, H.; TEIXEIRA NETO, A.; BARBOSA, A. S. Geografia: **Goiás-Tocantins**. Goiânia: EdUFG, 2004.

GOMIDE, C. H. Rio Vermelho como referência cultural. *In*: ANPUH - Simpósio Nacional de História, XXV, Fortaleza, 2009. **Anais...** Fortaleza: ANPUH / UFC, 2009. p. 01-10.

GRACELLI JÚNIOR, G.; CARNEIRO, V. A. SANTOS, J. C. V. Centro histórico da Cidade de Goiás (GO) - entre becos, poemas de Cora Coralina e o espaço turístico: relato de experiência. **Revista Percurso**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 295 - 318, 2025.

GROLLMUS, N. S.; TARRÈS, J. P. Relatos metodológicos: difractando experiencias narrativas de investigación. **Fórum Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, p. 01-24, 2015.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Paisagem cultural**. Brasília: IPHAN, 2009.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.

LIMA, E. R. **Guia afetivo da Cidade de Goiás**. Brasília: IPHAN, 2008.

LOURENÇO, L. A. B. Geografia histórica: considerações teórico-metodológicas. *In*: LOURENÇO, L. A. B. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista - Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 27-40.

MONBEIG, P. Papel e valor do ensino da Geografia e sua pesquisa. **Boletim Carioca de Geografia**, n. 1 e 2, ano VII, p. 35-45, 1954.

OLIVEIRA, G. L.; LIMA, C. V.; CARNEIRO, V. A. Geopatrimônio do centro histórico da Cidade de Goiás – GO. *In*: Simpósio Brasileiro do Patrimônio Geológico - SBPG, VII, Goiânia, 2025. **Anais...** Goiânia: AGeoBR / SBPG / UFG, 2025. p. 134-135.

PORTAL GOIÁS VELHO. **Mapa turístico da Cidade de Goiás**. Disponível em: <https://www.facebook.com/portalgoiasvelho291/?locale=ms_MY>. Acesso em: 10 dez. 2025.

POST DE CIDADE DE GOIÁS. **Um mapa muito bonito**. 4 de novembro de 2018. <<https://www.facebook.com/100064876593339/posts/um-mapa-muito-bonitoeste-%C3%A9-um-mapa-desenhado-pelo-ilustrador-e-publicit%C3%A1rio-pedr/1817723041659309/>>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, Lisboa, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2008.

UNESCO - UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Paisagem cultural**. Paris: Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, 1992.